

# **PSICÓLOGOS NAS ESCOLAS PARTICULARES**

## DESAFIOS PARA UMA ATUAÇÃO HISTÓRICO-CRÍTICA

# **PSYCHOLOGISTS IN PRIVATE SCHOOLS**

## CHALLENGES FOR A HISTORICAL-CRITIC ACTING

***Cristiane Toller Bray***<sup>1</sup>

*E-mail* para correspondência: cristbray@hotmail.com

***Marilene Proença Rebello de Souza***

### **RESUMO**

Este estudo teve por objeto a atuação de psicólogos, na Educação Básica, da rede particular de ensino. Adotamos fundamentos do materialismo histórico-dialético

---

<sup>1</sup> Este estudo está relacionado à pesquisa de doutorado intitulada “Psicólogos na rede particular de ensino: possibilidades, limites e superações na atuação” (2015), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), financiada pela Capes.

enquanto base interpretativa e as Psicologias: Histórico-Cultural e Escolar-Educacional para propor uma prática de psicólogos numa perspectiva crítica, no campo da Educação. O objetivo centrou-se em conhecer e analisar as condições de trabalho, atividades desempenhadas, teorias que embasam suas práticas, desafios/dificuldades para exercê-las e expectativas dos contratantes sobre esta atuação. A partir de uma fonte empírica, ouvimos, realizando entrevistas semiestruturadas, dez psicólogos e cinco contratantes (duas coordenadoras pedagógicas e três diretores). Identificamos que parte significativa dos psicólogos é contratada como orientador educacional, centrando práticas em atendimento aos estudantes, pais e professores, utilizando referenciais da Psicanálise e da Psicologia Comportamental, pouco recorrendo ao conhecimento teórico-metodológico da Psicologia Escolar-Educacional, atendendo às expectativas do contratante. Afirmam não realizar atendimento clínico (avaliação/psicoterapia) nas escolas. O trabalho em equipe é valorizado, o que compreendemos ser fundamental para educadores e psicólogos trabalharem juntos os desafios. O psicólogo ao se comprometer com críticas ao caráter meramente adaptativo de estudantes e educadores à escola contribui para a superação e mudança nas ações/práticas numa compreensão institucional das dificuldades do processo de escolarização, garantindo as finalidades da escola.

**Palavras-chave:** Educação Básica, materialismo histórico-dialético, Psicologia Histórico-Cultural, Psicologia Escolar-Educacional.

### ABSTRACT

The aim of this article was to study the Basic Education practicing psychologists in private schools. We adopt fundamentals of historical and dialectical materialism as interpretative base and Psychologies: Historic-Cultural and School-Educational to propose a practice of psychologists in a critical perspective in the education field. The objective focused on knowing and analyzing the working conditions, work activities, theories that support their practices, challenges/difficulties to exercise them and expectations of contractors on this performance. From empirical source, we heard, conducting semi-structured interviews ten psychologists and five contractors (two pedagogical coordinators and three directors). We found that a significant portion of psychologists is hired as a counselor, focusing practices in service to students, parents and teachers, using references of Psychoanalysis and Behavioral Psychology, just using the theoretical and methodological knowledge of the School-Educational Psychology, meeting the contractor's expectations. They claim not to perform clinical care (evaluation/psychotherapy) in schools. The teamwork is valued, what we understand to be fundamental for educators and psychologists work together challenges. Psychologist to commit to criticism of merely adaptive character of students and educators to school helps to overcome and change the actions/practices an institutional understanding about difficulties of the educational process, ensuring the school's purposes.

**Keywords:** Basic Education, historical-dialectical materialism, Historic-Cultural Psychology, School-Educational Psychology.

## INTRODUÇÃO

A área da Psicologia Escolar e Educacional apresenta escassez de pesquisas sobre a atuação dos psicólogos, fracasso e queixa escolar nas escolas privadas. No entanto, não podemos nos esquecer de que a rede privada de ensino também é alvo de oportunidades e inserção do trabalho do psicólogo, além de ser responsável pela formação de muitos estudantes da nossa sociedade. O Censo Escolar de 2014, no estado de São Paulo, referente ao Ensino Fundamental de primeira a oitava série, aponta que temos 4.385.698 crianças matriculadas no ensino público (federal, estadual e municipal) e 1.020.100 no ensino privado (INEP, 2014), o que corresponde a 23,25% de crianças matriculadas nessa rede de ensino. Em 2012, correspondia a 20,65%, revelando um crescimento de matrículas nas escolas particulares.

As escolas privadas também devem ser alvo de pesquisas, pois se encontram na lógica da nossa sociedade, dividida em classes, caracterizando-se em uma rede de ensino que vivencia as contradições do mercado para a sua manutenção. Ao falarmos de escola privada, torna-se inevitável falarmos sobre a escola pública, considerando que a mercantilização da educação no Brasil tem sido notável, diante de um Estado que não dá conta de oferecer uma educação de qualidade. Macedo, Heloani e Cassiolato (2010) explicam que as áreas de saúde, educação e segurança passaram a ficar desfalcadas e a depender de iniciativa privada para o seu desenvolvimento diante da crise do Estado como promotor do bem-estar social. A defesa e a luta por uma escola pública de qualidade são marcas da nossa trajetória, especialmente por ser fundamental assumir um posicionamento político de compromisso com o excluído/marginalizado e de luta por uma educação de qualidade para todos em uma sociedade de classes que é desigual econômica e culturalmente.

O estudante da escola privada, aparentemente, recebe um ensino melhor por não faltar professor para ministrar aulas, havendo uma equipe de profissionais envolvidos no rendimento dos estudantes, que lhes proporciona atividades extracurriculares, além de pais que, por pagarem, exigem a melhor Educação escolar que se possa dar para o seu filho, e por aí vai. Ao empregarmos a expressão *aparentemente* ressaltamos que as escolas privadas também apresentam dificuldades no processo de escolarização dos estudantes por ser um desafio à própria educação escolar e por pertencerem à mesma sociedade capitalista em tempos de neoliberalismo. De acordo com Bray (2011), as queixas escolares também se fazem presentes nessa rede de ensino. Além disso, muitas escolas utilizam o tão conhecido discurso: “formamos cidadãos críticos e transformadores”, mas sua real preocupação, muitas vezes, está em preparar para o mercado de trabalho e ter a aprovação de seus estudantes em vestibulares. E dizemos, *aparentemente*, pois uma análise mais aprofundada acerca dessa questão mereceria ser realizada. Como aponta Demo (2007), ao se referir aos dados do Saeb publicados pelo

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) com relação à escola básica, pública e particular, “os dados sugerem fortemente que escola pública e escola particular perfazem, em grande medida, o mesmo imbrólio educacional, talvez para surpresa de muitos” (p. 182).

Compreendemos, portanto, a prática profissional de psicólogos produzida em um sistema educacional que, ao se constituir na rede privada de ensino, expressa um conjunto de contradições, desafios e impasses para uma atuação ético-política da profissão no campo da Educação Básica. Diante disso, algumas questões orientaram esta pesquisa, dentre elas: como proposições da área de Psicologia Escolar, centradas em referenciais críticos e institucionais, comparecem nessas organizações de ensino? O objetivo geral do estudo se constituiu em conhecer e analisar as condições de trabalho dos psicólogos que no Ensino fundamental de escolas privadas, bem como as atividades desempenhadas, as teorias que embasam suas práticas, os desafios/dificuldades para exercê-las e as expectativas dos contratantes sobre a atuação desses profissionais, visando propor princípios norteadores de acordo com uma prática referenciada na Psicologia Histórico-Cultural e na Psicologia Escolar e Educacional numa perspectiva crítica.

## **MÉTODO, PROCESSO DA PESQUISA DE CAMPO E PARTICIPANTES**

A Psicologia Escolar e Educacional em perspectiva crítica, a Psicologia Histórico-Cultural e o método materialista histórico dialético que embasam esta abordagem foram orientadores na interpretação e discussão dos dados da pesquisa.

A Psicologia Histórico-Cultural construiu um método de investigação psicológica que considera a dimensão histórica e cultural envolvida na personalidade/constituição do psiquismo da criança. Ela, ainda, nos permite analisar questões educacionais, levando em conta aspectos históricos, socioculturais, compreendendo assim os fenômenos “a partir de seu acontecer histórico no qual o particular é considerado uma instância da totalidade social” (Freitas, 2002, p. 21). Para analisarmos nosso objeto de estudo, entendemos ser fundamental esse arcabouço teórico-metodológico, de maneira a entender as possibilidades de intervenção dos psicólogos inseridos no meio educacional, as contradições a serem enfrentadas, os desafios apresentados para cumprir as finalidades da escola. Conforme Oliveira (2005, p. 26), “a atuação do psicólogo fundamenta-se necessariamente na compreensão de como a singularidade se constrói na universalidade e, ao mesmo tempo e do mesmo modo, como a universalidade se concretiza na singularidade, tendo a particularidade como mediação”.

No contexto da pesquisa de campo, foram realizadas entrevistas<sup>2</sup> em profundidade com dez psicólogos e cinco contratantes (duas coordenadoras pedagógicas).

---

<sup>2</sup> No momento de cada entrevista foram explicados os objetivos sendo apresentada a pesquisa pela pesquisadora, bem como assinado o termo de consentimento livre e esclarecido, pelos participantes.

gicas e três diretores). Dos dez psicólogos entrevistados, duas são proprietárias (contratantes) da escola em que atuam. A pesquisa de campo ocorreu entre junho e outubro de 2012.

Escolhemos a entrevista semiestruturada como técnica, pois assim teríamos a possibilidade de conhecer a diversidade das formas de inserção e práticas profissionais. Considerando que cada profissional inserido em uma determinada escola apresentaria particularidades, uma vez que cada escola é única no seu modo de funcionar, ainda que apresente semelhanças comuns às outras escolas. Assim, entrevistamos profissionais que atuam em escolas privadas da Zona Leste de São Paulo, em colégios que atendem estudantes de classe média e popular, colégios pequenos que atendem por volta de cem estudantes e até aqueles que atendem cerca de três mil estudantes. Também entrevistamos profissionais que trabalham com estudantes de classe média e alta, da região centro-sul e oeste, considerados colégios de elite (com altas mensalidades). Entrevistamos, portanto, profissionais tanto de colégios particulares tradicionais e grandes quanto de colégios de pequeno porte, localizados na capital de São Paulo.

Mantivemos os dois eixos dos objetivos da pesquisa para organizar os dados e proceder à análise. Dentro do eixo relacionado às *condições de trabalho dos psicólogos que atuam nas escolas privadas*, adveio o segundo momento de organização dos dados, quando elencamos diversos aspectos encontrados nos relatos das entrevistas, relacionados a esse eixo, que apareceram com maior frequência e regularidade, mas também os que pouco apareceram. Nesse segundo momento, nos inspiramos na elaboração de categorias de codificação, proposta por Bogdan e Biklen (1994), para posterior análise categorial. Procedemos da mesma forma quanto ao segundo eixo de análise sobre as modalidades de atuação/intervenção desenvolvida pelos profissionais de psicologia, que denominamos de *atividades que os psicólogos desenvolvem nas escolas privadas*.

As entrevistas foram acompanhadas por um questionário, visando detalhar aspectos relativos à formação profissional, tempo que atua na área, situação contratual, função que exercem, dentre outros. Assim, entre os dez psicólogos entrevistados, identificamos que: a) oito psicólogos foram formados por instituições privadas de ensino superior; b) apenas um é do sexo masculino; c) a maioria apresentava entre quarenta e cinquenta anos; c) o tempo de trabalho variou de 30 a 5 anos; d) seis dos profissionais de psicologia, que atuam nas escolas privadas, exercem a função de orientador educacional. Um dos psicólogos se denominou na função de psicólogo escolar e de orientador educacional, embora o seu cargo contratual na escola seja de orientador educacional. Apenas este psicólogo (Daniel) e a psicóloga Laura se autodenominaram psicólogos escolares, e esta também atua na área administrativa da escola. Duas participantes disseram estar na função de psicólogas na escola. Houve ainda uma psicóloga que relatou trabalhar na função de coordenação e orientação de professores.

Em alguns casos há diferenças entre a função que os entrevistados relatam exercer na escola e os cargos referidos nos contratos. Luciana está na função de orientadora educacional, no entanto, está registrada como professora. Ana Luiza se autodenomina na função de psicóloga, mas em uma das escolas que trabalha o seu cargo no contrato é de psicóloga e, na outra escola, de auxiliar de direção/coordenação. Nenhum profissional está em uma condição de prestador de serviços na escola, todos possuem registro em carteira de trabalho, exceto as psicólogas que são proprietária e sócia-proprietária da instituição de ensino.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

No primeiro eixo de análise, *condições de trabalho dos psicólogos que atuam nas escolas privadas*, verificamos que a contratação de psicólogos ocorre, preferencialmente, por convite e indicação, sendo que parte significativa dos entrevistados é contratada na função de orientador educacional. Muitos profissionais de psicologia relataram realizar outras atividades/funções no início de sua atuação na escola, levando à constituição de uma “carreira na escola”. De maneira geral, as condições de trabalho são consideradas satisfatórias no que tange ao salário e à carga horária de trabalho, entre 30 e 40 horas semanais, e os entrevistados se sentem valorizados no exercício de suas profissões, pelos educadores, estudantes e pais destes. Mas, alguns psicólogos apontam que o trabalho do profissional da Educação encontra-se desvalorizado, considerando que no Brasil a Educação tem sido um segmento em que subsistem a precariedade e pouco investimento.

Cinco dos sete psicólogos que trabalham menos de 40 horas semanais relataram possuir outro emprego, tais como: atuar em outra escola, realizar psicoterapia em consultório particular e dar aulas como professor universitário. Notamos que as escolas de maior porte e com maior número de estudantes matriculados remuneram de modo mais satisfatório os profissionais de psicologia. De maneira geral, vimos que as condições de trabalho são consideradas satisfatórias no que tange o salário e à carga horária de trabalho. Já na pesquisa realizada por C.S. Souza (2010), esta apontou que os psicólogos entrevistados que atuam em escolas privadas, no município de Uberlândia-MG, de maneira geral não possuem uma remuneração satisfatória e que alguns psicólogos atuam em condições desvantajosas com relação aos demais profissionais.

Quanto às dificuldades e obstáculos encontrados pelos psicólogos na realização de suas práticas, estes mencionaram, principalmente, haver muita demanda e uma sensação de falta de tempo para executá-la. Para os psicólogos que possuem uma carga horária de trabalho entre 30 e 40 horas semanais, apontar apenas esses aspectos como dificuldades pode indicar um processo de alienação do trabalho, no qual, muitas vezes, impede o repensar sobre suas práticas. Por outro lado,

podemos pensar que a escola privada, funcionando enquanto uma empresa, contrata funcionários para serem responsáveis por várias tarefas, sobrecarregando o profissional com uma ampla demanda.

Nos casos dos psicólogos que trabalham 25 horas semanais ou menos, compreendemos que poucas horas semanais inviabiliza a concretização das tarefas previstas. Assim, em um espaço limitado de tempo concedido, pouco o psicólogo consegue participar das discussões, do processo de planejamento, decisões e organização da prática pedagógica e do Projeto Político Pedagógico. Se este profissional fica apenas restrito a atender um estudante, ou um pai e encaminhar, podemos dizer que temos um processo de alienação do trabalho. Pois, o profissional de psicologia ficaria à frente apenas de um fragmento do processo, o que pode alijá-lo do contexto global, da totalidade. Faz mais sentido um trabalho do psicólogo no qual se tenha mais elementos para pensar a queixa, o encaminhamento até ele, pois a partir de então é que poderá entender o que está levando estudantes a serem uma expressão das questões existentes na escola.

M. P. R. Souza (2010) ressalta a importância de o psicólogo estar integrado, trabalhando conjuntamente com a equipe, pensando e desenvolvendo, juntos, estratégias para sair de impasses, com uma formação contínua para que o psicólogo não seja visto como um rival, antes, um aliado no processo educativo. “[...] Há que ser conquistado, de maneira ampla, a compreensão, por parte dos educadores, de um trabalho em psicologia centrado nas questões educativas, no processo de aprendizagem, no apoio ao professor em sua ação educativa” (p. 166).

De fato, alguns profissionais de psicologia entrevistados, como Ana Luiza (na escola 9a), Carla, Daniel, Wanda, Luciana, Celi são solicitados para realizar atendimentos pontuais, existindo espaços de discussões com outros profissionais da equipe da escola e professores, mas, principalmente, tratam de casos de estudantes e famílias. A psicóloga Carla, por exemplo, relata que questões relacionadas com planejamento de aula, orientação de professores em sala de aula e orientação de pais com relação a queixas e questionamentos sobre o método de ensino são funções que cabem à coordenadora pedagógica. Já questões relacionadas às dificuldades pedagógicas das crianças ficam sob a responsabilidade da assistente pedagógica; além disso, há o orientador de convivência, que é, segundo Carla, o antigo orientador disciplinar, quem cuida dos conflitos do dia-a-dia das crianças e das sanções disciplinares (advertência, observação e suspensão), enfim, sobre questões relacionadas à indisciplina, tem uma pessoa responsável por isso. Cabe à psicóloga Carla lidar com aquilo que diz respeito a questões “emocionais” dos estudantes: “[...] *é muito mais uma demanda para dar conta de alguma coisa emocional que atravessa o aprendizado ou a socialização dela na escola*”. A psicóloga ainda explica que seus espaços de diálogos e discussões com os outros profissionais da equipe da escola ocorrem da seguinte maneira:

Porque assim, sobra para mim aquilo que a gente percebe que não está com foco no pedagógico, não está com foco no disciplinar, tem alguma coisa emocional acontecendo com essa criança, pode estar atravessando o disciplinar (aí eu faço junto com o disciplinar), pode estar atravessando o pedagógico (eu faço junto com o pedagógico), pode estar atravessando a relação da professora com a classe e aí eu faço junto com a coordenadora pedagógica alguma intervenção (Carla, psicóloga da escola 8).

Esse relato revela uma tentativa de estabelecer um espaço de trabalho integrado entre a psicóloga e algum membro da equipe. No entanto, percebemos o quanto as funções dos profissionais dessa equipe são compartimentalizadas, e pouco se comunicam entre si, com prejuízo dos espaços de discussão devido à organização da escola em uma estrutura fragmentada. Além disso, não fica evidente a participação da psicóloga Carla no processo de planejamento, de organização da prática pedagógica, inclusive do Projeto Político Pedagógico (PPP), pois ela não participa dos espaços de decisão em grupo, ficando restrita a atender questões pontuais que envolvam estudantes com suspeita de “questões emocionais” que “atravessam” o comportamento e rendimento escolar. Kuenzer (2002) elucida que a escola, estando imersa na organização capitalista, reproduz e expressa a divisão de trabalho existente nesse tipo de sociedade, ou seja, na manufatura ou na fábrica há divisão na atividade intelectual e material, há divisão na produção e consumo e atividades são delegadas a indivíduos distintos. A escola, portanto, “[...] expressa e reproduz essa fragmentação, por meio de seus conteúdos, métodos e formas de organização e gestão” (Kuenzer, 2002, p. 53).

No caso da escola onde Carla atua, não conseguimos entrevistar o responsável pela contratação dessa psicóloga, pois não tivemos resposta quanto à aceitação para participar da pesquisa. Por outro lado, nas escolas em que conseguimos entrevistar os contratantes, alguns relataram valorizar que o psicólogo tenha “boa capacidade de se relacionar em equipe”, mas isso não significa propriamente valorizar um trabalho em equipe que envolva discussões e planejamentos pedagógicos. Além disso, podemos ter um trabalho “em equipe”, mas para qual finalidade? Para discutir casos pontuais de estudantes e famílias, entendemos que o espaço continuará restrito.

Nas escolas em que atuam os psicólogos entrevistados, notamos que existe algum tipo de trabalho em equipe, mas apenas alguns psicólogos demonstraram efetivamente participar das discussões pedagógicas, como é o caso da psicóloga Denise, ficando claro, inclusive, sua participação na construção e elaboração do Projeto Político Pedagógico. É interessante que, de modo geral, o psicólogo que atua no interior da escola privada não revela se sentir desamparado no que diz respeito a trabalhar em equipe e participar de reuniões, ou de espaços para discu-

tir e pensar junto com outros profissionais da escola soluções para as dificuldades que aparecem. Apenas uma psicóloga relatou sentir falta de discussões, embora não com a equipe da escola, mas, sim, com outros profissionais da área de psicologia escolar para conversarem sobre as práticas que estão exercendo, revelando desconhecer a vasta produção acadêmica atual da Psicologia Escolar e Educacional e as possibilidades de intervenção do psicólogo. Essa psicóloga, Ana Luiza, atua em duas escolas e nas duas é a única da equipe com formação em Psicologia.

Convém complementar como se organiza o trabalho em equipe do qual a psicóloga Denise enquanto orientadora educacional/pedagógica faz parte:

Eu trabalho um pouco com a manutenção do projeto pedagógico. Então, a gente tem encontros que são só da equipe técnica, coordenadores, diretores e orientadores, que a gente trabalha um pouco da concepção da escola, de coisas que vão ser mudadas dentro do PPP, por exemplo, a questão da inclusão. [...] depois tem o acompanhamento dos professores e o acompanhamento das crianças e famílias. [...] E a gente tem reuniões com professores, a gente tem reuniões semanais de três horas, [...] para tratar ou de temas mais voltados à concepção da escola ou eventualmente mergulhar em uma área específica. Então, nós vamos trabalhar um pouco mais algumas questões de matemática, ou de línguas, ou de ciências ou de artes, [...] Os projetos são formulados pela equipe da série, a turma do segundo ano senta, ou em uma reunião dessa ou em um momento de planejamento e avalia o que vai ser trabalhado, a gente tem alguns que já são definidos mensais até em consonância com MEC, com os referenciais curriculares, e outros a gente mesmo lendo um pouco as demandas dos grupos da escola a gente mesmo produz (Denise, psicóloga da escola 3).

Esse relato apresenta um trabalho desenvolvido em que há espaço de formação, planejamento e discussão em conjunto, sendo que a orientadora educacional participa de todas as frentes, o que não sugere um trabalho fragmentado. Discutem, em equipe, a concepção da escola, inclusive a política da educação inclusiva, procurando alterar o Projeto Político Pedagógico da escola.

Na pesquisa realizada por C. S. Souza (2010)<sup>3</sup>, nas escolas privadas de Uberlândia-MG, alguns psicólogos apresentam como um dos entraves da escola parti-

---

<sup>3</sup> Vale comentar que dialogamos com os dados da pesquisa desenvolvida por C. S. Souza (2010) em Uberlândia-MG. Esclarecemos aqui que não desconsideramos que a cidade de São Paulo-SP e a cidade de Uberlândia-MG apresentam diferenças entre si. Enquanto a primeira é a cidade mais populosa do país, com quase 12 milhões de habitantes, a outra possui

cular para o trabalho do psicólogo a confusão dos papéis profissionais quando a escola conta com uma equipe de especialistas como pedagogo, psicopedagogo e psicólogo. Esse fato apareceu como sendo algo que incomoda os psicólogos, sentindo que isso desvaloriza suas práticas e impede uma atuação mais efetiva.

Por outro lado, na presente pesquisa, embora verificássemos que essa questão da confusão de papéis aparece, os participantes da pesquisa não se posicionaram no sentido de exprimir nas entrevistas tal viés. Isso parece ocorrer não apenas por ocuparem um lugar e um papel mais delimitado na escola, mas, também, porque seis dos psicólogos entrevistados estão na função de orientadores educacionais, assumindo esse lugar e entendendo ser uma função que possui atribuições e tarefas distintas à de um psicólogo, voltado à área da psicologia escolar contemporânea. Lugar, esse, que não necessariamente sentem que precisam recorrer ao conhecimento teórico da Psicologia Escolar e Educacional e aos teóricos da Educação para atuarem. Apenas o psicólogo Daniel relatou fazer uso dessa área na sua prática na escola, e a psicóloga Denise, que se embasa nos teóricos da Educação, como Jean Piaget, Henri Wallon e Walter Benjamin, sendo que a maioria dos psicólogos recorre às abordagens clínicas (psicanálise, teoria comportamental) não os relacionando propriamente aos avanços da Psicologia Escolar e Educacional contemporânea. Houve ainda psicólogos que não souberam dizer qual referencial teórico utilizam, o que pode denotar um fazer, uma prática cristalizada, embasada no senso comum e/ou em um ecletismo teórico.

Notamos que os psicólogos que utilizam autores da área da Educação e da Filosofia, propõem um trabalho do psicólogo mais crítico, reflexivo e institucional. Exceto um psicólogo entrevistado, não constatamos profissionais de psicologia que tenham um embasamento da área da Psicologia Escolar e Educacional crítica. Tampouco encontramos profissionais que tenham a Psicologia Histórico-Cultural como norteadora de suas práticas. O mesmo não foi constatado na pesquisa de M.P. R. Souza (2010), no âmbito do ensino público, em que os psicólogos mencionaram, com expressividade, a utilização de autores que contribuem para as recentes discussões da área em uma perspectiva crítica. Na pesquisa de C.S. Souza (2010), no âmbito das escolas particulares, apenas dois dos doze psicólogos entrevistados apontaram utilizar como referencial teórico-metodológico

---

aproximadamente 600 mil habitantes. Além dessa diferença, há ainda a diferença nas suas organizações e no modo de vida que podem influenciar, direta ou indiretamente, na organização e o modo de funcionamento das escolas. Mas o ponto é que a pesquisa realizada por Souza (2010) tem o mesmo objeto de estudo que a presente, ainda que consideremos a existência de tudo o que está por trás de cada cidade, isso não inviabiliza o diálogo entre os resultados e as análises encontradas naquelas escolas particulares.

a Psicologia Histórico-Cultural, sendo que, muitas vezes, a fundamentação teórica é constituída por uma combinação de várias teorias psicológicas diferentes e até contraditórias, em suas bases epistemológicas.

Alguns psicólogos relataram também a dificuldade em formar/lidar com o ser humano, seja com o professor ou família dos alunos. Esta tensão pode estar relacionada à visão dos profissionais da Educação e dos pais dos estudantes sobre o papel do psicólogo na escola e o quanto a participação do psicólogo com a equipe da escola é importante. Se o psicólogo ficar à parte de diversas questões do funcionamento da escola e não trabalhar em conjunto com o corpo docente, nos momentos em que há aproximações desses profissionais pode ser mais difícil chegarem a um consenso no modo de trabalhar.

Apenas um psicólogo mencionou que é uma dificuldade ter uma proposta de trabalho diferente das concepções e expectativa da escola. Esse entrevistado revelou enfrentar obstáculos, diariamente, pois professores, diretores e coordenadores costumam esperar um atendimento clínico e individualizado, uma atuação focada nos estudantes para realizar diagnósticos, detectando problemas e buscando solucioná-los. Expectativa que vai contra sua proposta de prática mais institucional e crítica.

Outra psicóloga apontou ser uma dificuldade a inclusão de alunos com necessidades especiais na escola, pois entende que os professores não estão preparados para atender pedagogicamente essas crianças. É interessante o quanto esta entrevistada demonstrou não ter clareza da contribuição da psicologia nesse campo da educação inclusiva. Houve ainda profissionais de psicologia que não apontaram dificuldades, nos levando a pensar que, como funcionários em instituições privadas, precisam se moldar à instituição, realizando tarefas esperadas para não correrem o risco de perderem o emprego, o que pode acabar cristalizando seus lugares, não favorecendo reflexão sobre suas práticas.

Quanto ao segundo eixo de análise “*atividades que os psicólogos desenvolvem nas escolas privadas*”, verificamos que há diversos focos na demanda de atuação dos profissionais de psicologia: atuação com estudantes e pais; apenas com professores e pais; somente com professores e somente com estudantes, mas predomina a atuação com estudantes, pais e professores, inclusive, grande parte dos psicólogos ao atuar como orientador educacional, centra sua prática em atendimento aos três, individualmente:

O pedido maior é acompanhar o aluno, é fazer um acompanhamento e uma orientação de alunos e família [...]. Os professores também vão me trazendo algumas questões ou os pais e também não numa atuação clínica, mas assim de um pouco orientar, às vezes dar algumas dicas de estudos ou tentar

saber um pouco mais o que está acontecendo, especialmente porque está tendo uma produção que está caindo, ou um comportamento que está se diferenciando, que não era comum. (Sandra, psicóloga da escola 1).

Os psicólogos apresentaram realizar uma atuação em consonância com a expectativa dos contratantes quanto ao que se espera que desempenhem. É predominante o entendimento dos contratantes de que o psicólogo atue com diversos atores da escola, mas com foco nos aspectos psicológicos, individuais, emocionais, comportamentais dos estudantes. De tal modo, poucos conhecem a possibilidade de uma atuação mais institucional, na qual o psicólogo é também um profissional da educação, e não somente da saúde, que pode contribuir no processo de ensino-aprendizagem, atuando no desenvolvimento de projetos pedagógicos e não apenas nos aspectos subjetivos que se constituem no cotidiano escolar.

Todos os psicólogos afirmam não realizar atendimento clínico (avaliação/psicoterapia) nas escolas. Não ficando evidente a expectativa de que esses profissionais realizem avaliação, diagnósticos e laudos de estudantes dentro da escola, exceto no caso de um psicólogo, indicando que para grande parte das escolas o profissional de psicologia não está na mesma para cumprir essa função. No entanto, a contradição reside no fato de que, os diagnósticos e laudos continuam sendo realizados em clínicas especializadas fora da escola. E, muitas vezes, quem realiza os encaminhamentos são os próprios psicólogos/orientadores educacionais, sendo essa uma das expectativas dos contratantes e da escola. Esse fato nos revela que os psicólogos não vêm realizando clínica na escola, mas o olhar clínico, em especial o subjetivismo e o biologicismo para tratar as questões/dificuldades que surgem no processo de escolarização predomina. Por outro lado, elementos de criticidade foram encontrados, no relato de alguns psicólogos, no momento em que questionam determinados diagnósticos e o processo de medicalização da aprendizagem.

A expectativa dos contratantes gira em torno de um trabalho a ser desenvolvido pelo psicólogo, aos moldes tradicionais, auxiliando na solução de problemas: buscando orientar os pais, o próprio aluno e realizando encaminhamento para profissionais especializados ou aulas de reforço/aulas particulares, em casos de dificuldade na aprendizagem. Ao mesmo tempo, o trabalho em equipe é valorizado, mas os espaços que existem para discussões, com outros profissionais da equipe da escola e professores, se restringem para tratar de casos de estudantes e suas famílias.

É nesse momento que identificamos brechas, espaços para a possibilidade de desenvolver uma prática mais institucional e inovadora, pois se o trabalho em equipe é tão esperado e valorizado, aberturas em espaços de reunião com os pro-

fessores, de trocas de informações, discussões nos trabalhos em equipe podem ser aproveitados, sendo uma oportunidade para pensar junto e elaborar com os educadores propostas que busquem o desenvolvimento e a aprendizagem dos estudantes, sem que a escola se isente de trabalhar no seu interior os desafios que surgem.

Identificamos, portanto, que poucos profissionais de psicologia buscam repensar práticas psicológicas ou pedagógicas intraescolares ou participam ativamente de reuniões pedagógicas, de planejamentos e propostas da escola, e, não coincidentemente, poucos recorrem a uma teoria crítica e realizam uma análise que englobe aspectos sociais, históricos, políticos acerca das dificuldades e queixas que surgem no processo de escolarização. E ainda, muitas vezes, o psicólogo, inserido na escola privada, não utiliza teorias do campo da Educação, que articulam a Psicologia e a Educação. As teorias clínicas (comportamental, psicanálise) são mais empregadas pelos psicólogos e estes são contratados na expectativa que o objeto de conhecimento seja um psiquismo que se constitui de forma natural, individualizado, compatível com as, citadas, “Psicologias Tradicionais”<sup>4</sup> utilizadas. Essa forma de compreender o psiquismo vai ao encontro da lógica de que nas escolas privadas existem condições físicas e pedagógicas adequadas para a aprendizagem e o desenvolvimento ocorrerem, e então, se dificuldades surgirem nesse processo, pressupõe-se que “algo de errado” está acontecendo com o estudante. Esse “algo de errado”, muitas vezes, recai ora sobre o biológico, ora sobre o “emocional” e ora sobre a composição ou relações familiares dos estudantes. Quaisquer desses vieses geram práticas psicológicas individualizantes. Sem contar que essa lógica condescende, não raro, com a justificativa de necessidade de diagnóstico e tratamento medicalizante.

Consideramos importante que o psicólogo conheça e acompanhe os saberes e as mudanças ocorridas na área de Psicologia Escolar e Educacional, empregando teorias críticas que articulam a Psicologia e a Educação, para além da formação inicial fornecida. Os desafios recaem mais fortemente sobre a modalidade de contratação como Orientador Educacional que, ao retirar o caráter específico da Psicologia Escolar e Educacional, delimita um outro campo de atuação mais diretamente centrado em interpretações e práticas de cunho pedagógico e individual, historicamente presentes nas atribuições do orientador educacional.

Por outro lado, muda radicalmente a prática de um psicólogo que se embasa em uma perspectiva teórica que possua a dimensão da influência cultural e histó-

---

<sup>4</sup> As principais escolas de psicologia existentes no início do século XX eram o comportamentalismo ou behaviorismo, a psicanálise e a psicologia da forma (Gestalt), por isso, estamos chamando aqui de “tradicionalis”.

rica para o desenvolvimento do psiquismo humano, que considere o sentido e significado da atividade de estudo, que busque compreender como ocorre a aprendizagem e o desenvolvimento, considerando como fundamental o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, dentre outras. Compreender esses pressupostos abre a possibilidade de desdobrar outras práticas diante a demanda solicitada aos psicólogos.

É possível dizer que a atuação do psicólogo, no contexto educacional, tem estreita relação com a compreensão que possui acerca da constituição do psiquismo humano, acerca do desenvolvimento e formação do sujeito, de como ocorre o processo ensino-aprendizagem, conforme o embasamento teórico e respectivo enfoque metodológico utilizado. De acordo com a concepção que se tem do desenvolvimento e da aprendizagem humana se proporcionará um tipo de atividade educativa e um tipo de prática psicológica na atividade educativa.

A Psicologia Histórico-Cultural possui em seu cerne movimentos para a transformação, ao superar (por incorporação) teorias psicológicas tradicionais. Isso se dá desde o contexto em que a Psicologia Histórico-Cultural foi germinada, momento pós-revolução russa, na busca por uma sociedade socialista, anunciando uma concepção de constituição do psiquismo, de aprendizagem e desenvolvimento de homem, levando em conta a história, o materialismo e a dialética. Introduzindo a dimensão de que os processos orgânicos e culturais, envolvidos no desenvolvimento, não devem ser considerados como fenômenos de mesma ordem, ocupando um papel central na educação o entorno sociocultural, as mediações, ou seja, as condições objetivas para o processo de apropriação das elaborações do gênero humano.

O plano diretor<sup>5</sup> de uma das escolas, fornecido por uma psicóloga participante da pesquisa, revela claramente que um dos focos do trabalho no Ensino Fundamental I é dar continuidade à *adaptação* pedagógica e social da criança à escola. A escola privada se esforça para adaptar o indivíduo de uma classe social mais favorecida, pois assim esta perpetua seu *status* na sociedade. Adaptar faz sentido em uma sociedade competitiva, na qual as pessoas buscam garantir vaga no mercado de trabalho, lugar onde não há espaço para todos. Em uma sociedade capitalista, na qual imperam fundamentos neoliberais, as Psicologias Tradicionais atendem às necessidades de nosso período atual, em que a lógica é individualizante. Conforme Meira (2000), a lógica das relações mercantis, da competitividade e do consumismo, acompanhando aspectos vigentes, como: “eficiência”, “competência”, “empregabilidade”, “avanço tecnológico”, “qualidade total”

---

<sup>5</sup> Esse Plano Diretor é um documento diferente da Proposta Pedagógica é outro documento da escola que contém princípios educacionais, projetos pedagógicos, dentre outras informações.

interferem na prática pedagógica. Ousamos dizer que a compreensão de desenvolvimento humano pelo viés subjetivo e biológico, aquém da histórica, social e política, minimiza a compreensão da totalidade, mantendo-se a alienação e reafirmando-se a lógica do capital.

Adotamos por base o Documento “Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas(os) na Educação Básica” e princípios da abordagem da Psicologia Histórico-Cultural para propor determinadas condições para uma atuação em uma perspectiva histórico-crítica. O psicólogo ao adotar essa perspectiva estará se comprometendo com críticas ao caráter meramente adaptativo de estudantes e educadores à escola e promovendo ações na direção da transformação que se expressa por abrir possibilidades de superação e mudança nas ações/práticas para uma compreensão institucional de produção do conhecimento, visando garantir as finalidades da escola, seja pública ou privada. Podemos dizer que a teoria em questão rompe com a visão biologicista e reducionista, por possuir outro método de investigação. Seu pressuposto teórico-metodológico admite a superação da ideia de que alguns estudantes possuem “problema” que os impede de aprender, cabendo-lhes diagnóstico e tratamento médico. Consideramos ser fundamental focar na orientação pedagógica para buscar a efetivação da aprendizagem, e, a alguns estudantes, cabe uma mediação/intervenção mais incisiva, nesse processo.

Para tanto, compete ao psicólogo pensar junto com a equipe pedagógica estratégias de ensino-aprendizagem e a Psicologia Histórico-Cultural possui subsídios teórico-metodológicos para direcionar a equipe de profissionais da escola, com vistas a aperfeiçoar a prática pedagógica. Os psicólogos ao conhecerem os princípios e conceitos dessa teoria, tais como:

- A função da educação escolar para esta perspectiva.
- Como ocorre e qual a relação entre aprendizagem e desenvolvimento (e as zonas de desenvolvimento atual e proximal).
- A importância da escola para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores e para a formação dos conceitos científicos (sendo que estes não se desenvolvem da mesma forma que os conhecimentos espontâneos).
- A importância das condições de educação proporcionadas, o entorno, a vivência da criança enquanto fatos essenciais para a sua formação (não apenas influenciando a sua formação).
- O desenvolvimento infantil considerando a periodização, a situação social do desenvolvimento, os períodos de crise, as atividades principais dos períodos de desenvolvimento.
- A importância dos motivos, do sentido pessoal, e o significado social que envolvem as atividades educativas.

Entre outros, se faz possível pensar e propor intervenções com grupos de estudantes, encontros com os pais e formação aos educadores. Com base nos pressupostos dessa teoria, a educação escolar possui o papel fundamental de permitir que o estudante entre em contato com a máxima produção cultural (das ciências, da arte), ou melhor, com o conhecimento historicamente produzido, permitindo aprendizagem e desenvolvimento. Cabe à educação escolar, com atividades planejadas e sistematizadas, modificar o conhecimento prévio, espontâneo do cotidiano que as crianças possuem, ao entrar na escola, promovendo a apropriação dos conteúdos científicos, para nelas possibilitar um salto qualitativo no desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

O psicólogo, ao desenvolver uma formação aos educadores, além da possibilidade de trabalhar junto com eles os conceitos apresentados, inclusive os relacionados à educação inclusiva/pessoas com necessidades educacionais especiais, segundo Facci (2009), muitos outros temas poderiam ser definidos para trabalhar com a formação do professor, a fim de auxiliá-lo em sua prática pedagógica. Tais como: fracasso escolar e queixas escolares, indisciplina, brincadeira de papéis na educação infantil, violência na escola, afetividade e aprendizagem, entre muitos outros.

O profissional de psicologia contribui para a formação dos educadores na medida em que traz conhecimentos teóricos e práticas envolvidas na compreensão de questões que abarcam tanto a política educacional e suas implicações na escola e trabalho docente, quanto com relação ao estudo de conteúdos sobre o processo ensino-aprendizagem, valorizando o professor como agente principal desse processo. Ao trabalhar/estudar conteúdos sobre o desenvolvimento e a aprendizagem e sobre relações interpessoais que permeiam o processo educativo, esse profissional contribui para uma prática pedagógica mais consciente (Referências Técnicas para Atuação, 2013, p. 58). Leva-os, ainda, a pensar na organização de atividades de ensino que promovam uma aprendizagem capaz de desenvolver as funções psíquicas superiores dos estudantes.

Ao ter clareza da função da escola, o psicólogo pode atuar com os pais dos estudantes, familiares ou responsáveis, promovendo discussão coletiva e reflexão “sobre o papel social da escola e da família, assim como sobre as problemáticas que atravessam a vida de pais e filhos” (Referências Técnicas para a atuação, 2013, p. 56). É importante ouvir os pais dos estudantes, pois, muitas vezes, a família compreende a escola de uma forma diferente e tem uma certa expectativa sobre a mesma e que de repente esta não pode corresponder.

Um trabalho do psicólogo, de intervenção psicopedagógica para estudantes, não apenas pode auxiliar no desenvolvimento do autoconhecimento, autoestima, trabalhando aspectos sociais e afetivos, quanto às relações e emoções envolvidas no processo ensino-aprendizagem, como pode, também, dar ênfase e objetivar o

desenvolvimento da atenção, da memória, do pensamento abstrato, por meio de atividades motivadoras e que possuam sentido aos estudantes. Além disso, quando o psicólogo passa a ter a dimensão da importância do desenvolvimento das funções psíquicas superiores, este tem condições de intervir com crianças/adolescentes, formando pequenos grupos, a fim de promover atividades que visem o desenvolvimento dessas funções. É fundamental que o olhar do psicólogo esteja voltado para o desenvolvimento das potencialidades dos mesmos, focando naquilo que eles conseguem/sabem fazer, e naquilo que conseguem/sabem fazer com ajuda, auxílio dos colegas e do psicólogo, enquanto profissional que vai direcionar e mediar as atividades.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Questionamos o que leva as perspectivas críticas em Psicologia Escolar e Educacional serem tão pouco utilizadas nas escolas privadas enquanto nas escolas públicas essas terem sido introduzidas, conforme nos mostra a pesquisa em sete estados brasileiros publicada por Souza, Silva e Yamamoto (2014). Será que não temos espaços para atuarmos de modo crítico e transformador no interior das escolas privadas?

Quando há na rede de ensino, que abarca profissionais de psicologia, mais abertura para formação profissional dos psicólogos (congressos, cursos de aperfeiçoamento/de pós-graduação, entre outros), na área da Psicologia Escolar e Educacional, encontramos nos profissionais de psicologia expressões teórico-práticas da perspectiva crítica desse campo. Na rede pública de ensino e, especialmente, nos Colégios de Aplicação, em que psicólogos atuam, há mais espaços, valorização, incentivo e investimento para formação continuada na área, conforme analisa Lima (2015). Enquanto isso, verificamos o contrário na rede particular, no que tange à formação profissional, as oportunidades são, de maneira geral, muito restritas e, quando existem, são voltadas para cursos específicos, próprios aos interesses da escola e não conforme às necessidades do profissional de psicologia.

Estamos em um momento privilegiado devido às ricas discussões recentes na área e por já existirem critérios e diretrizes mais definidos pela/para categoria profissional. Mas ainda estamos buscando conquistar espaço, construindo a identidade/a imagem social do profissional de psicologia voltado às possibilidades de atuação no interior das instituições de ensino, especialmente, particulares. E, teremos mais espaços quando nós psicólogos formos construindo, ainda que com embates, confrontos, deixando, cada vez mais, de satisfazer o ideário de um profissional de psicologia que tenha que trabalhar apenas com as questões subjetivas, correspondendo mais às novas possibilidades de compreensão do fenômeno educativo, e do fazer psicológico no contexto da Educação.

Do ponto de vista da Psicologia Escolar e Educacional em uma perspectiva crítica, é imprescindível, nessa conquista de espaço, consolidar referenciais teórico-metodológicos que subsidiem a prática do psicólogo diante queixas escolares e dificuldades no processo de escolarização, para contribuir com as finalidades da Educação. Dessa forma, poderá o psicólogo realizar um trabalho voltado para as questões educativas, vinculado ao processo de aprendizagem, no apoio ao professor em sua ação educativa, participando nos diversos contextos de decisão, planejamento junto à equipe de profissionais da escola. Esta prática pauta-se em uma atuação ética, transformadora, humanizadora e emancipadora.

Psicólogos e esta sociedade estão em um movimento que carrega e ou expressa as contradições do processo histórico, o que permite apontar possibilidades de transformação. Compreendemos ser possível e fundamental uma formação profissional inicial e continuada na perspectiva histórico-cultural, e a apropriação da mesma, para subsidiar a atuação do psicólogo na escola da sociedade atual, com a finalidade de contribuir com o desenvolvimento e aprendizagem dos estudantes, ainda que existam tantos entraves. A preocupação reside em ampliar e fortalecer pesquisas acadêmicas, propostas formativas e práticas que apontem para uma visão histórica, sociocultural e crítica sobre a ação da psicologia no campo da educação.

## REFERÊNCIAS

- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Bray, C. T. (2011). *Queixas escolares na perspectiva de educadores das redes pública e privada: contribuição da psicologia Histórico-Cultural*. 182f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá.
- Demo, P. (2007). *Escola pública e escola particular: semelhanças de dois imbróglis educacionais*. Ensaio: avaliação e políticas públicas em Educação, Rio de Janeiro, jun., 15 (55), 181-206. Recuperado em 16 de março de 2013, de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40362007000200002&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362007000200002&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). DOI <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40362007000200002>
- Facci, M. G. D. (2009). A intervenção do psicólogo na formação de professores: contribuições da psicologia histórico-cultural. In: C. M. Marinho-Araújo (Org.). *Psicologia escolar: novos cenários e contextos de pesquisa, prática e formação*. p. 107-131. Campinas, SP: Alínea.
- Freitas, M. T. de A. (2002). *A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, jul., (116), 21-39. Recuperado em 7 de nov. 2011, [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pi=S0100-15742002000200002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pi=S0100-15742002000200002). Doi <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742002000200002>.

- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). (2014). *Resultados Finais do Censo Escolar, São Paulo*. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-matricula#>.
- Kuenzer, A. (2002). O trabalho pedagógico: da fragmentação à unitariedade possível. In: N. Ferreira; M. Aguiar (Orgs.). *Para onde vão a orientação e a supervisão educacional?* p. 47-78. Campinas, SP: Papirus.
- Lima, Lucianna Ribeiro de (2015). *Atuação do psicólogo escolar nos Colégios de Aplicação da Universidades Federais: práticas e desafios*. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Macêdo, K. B., Heloani, R., & Cassiolato, R. (2010). O psicólogo como trabalhador assalariado: setores de inserção, locais, atividades e condições de trabalho. In: A.V.B. Bastos; S. M. G. Gondim et al. (Orgs.). *O trabalho do psicólogo no Brasil*, p. 131-150. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Meira, M. E. M. (2000). Psicologia Escolar: Pensamento crítico e práticas profissionais. In: M.P. R. Souza; E. R. Tanamachi & M. Rocha (Orgs.). *Psicologia e Educação: Desafios Teórico-práticos*, p. 35-71. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Oliveira, Betty. (2005). A dialética do singular-particular-universal. In: A. A. Abrantes; Nilma R. Silva; Sueli T. F. Martins (Orgs.). *Método histórico-social na psicologia social*, p. 25-51. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Conselho Federal de Psicologia (CFP). (2013). *Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas(os) na Educação Básica*. Brasília, DF: CPF.
- Souza, C. S. (2010). *A atuação do psicólogo escolar na rede particular de ensino da cidade de Uberlândia*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG.
- Souza, M. P. R. (2010). *A atuação do psicólogo na rede pública de educação: concepções, práticas e desafios*. 258f. Tese de Livre-Docência, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Souza, M. P. R., & Silva, S. M. C. (2009). A atuação do psicólogo na rede pública de educação frente à demanda escolar. In: C. M. Marinho-Araújo (Org.), *Psicologia escolar: novos cenários e contextos de pesquisa, formação e prática*. Campinas, SP: Editora Alínea.
- Souza, M.P. R.; Silva, S.M.C & Yamamoto, K (Orgs.) (2014). *Atuação do psicólogo na educação básica: concepções, práticas e desafios*. Uberlândia: EDUFU.

